

O emprego de pronomes na representação dos atores políticos

Gustavo Henrique da Silva Lima*
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo:

O presente estudo procura investigar o emprego de pronomes na representação dos atores políticos em campanhas eleitorais, mais especificamente, em um debate promovido por uma rede de televisão entre dois candidatos concorrentes à prefeitura da cidade do Recife.

Os pronomes exercem um papel importante na cadeia enunciativa e, por isso, têm sido alvo de constantes pesquisas por parte de vários estudiosos da linguagem. No que se refere ao discurso político, em particular, parte-se da hipótese de que o emprego de certos pronomes, com um referente estável, pode revelar fortes indícios na forma pela qual os políticos se apresentam no discurso, sendo possível, por meio de oposições e conexões entre estes referentes e outras formas pronominais, observar a identidade social atribuída a si próprio e a outros políticos. O contexto escolhido foi o da campanha eleitoral, mais especificamente, um debate promovido, em 2000, por uma rede de televisão entre dois candidatos concorrentes à prefeitura de uma capital do Nordeste. Tal escolha deveu-se ao fato de, nesse âmbito, haver uma maior ênfase na representação dos atores políticos, uma vez que os candidatos disputam importantes cargos eleitorais.

1. Fundamentação Teórica

Uma ampla distinção tem sido feita acerca do estudo sobre o emprego dos pronomes no que se refere às perspectivas sociolinguística e pragmática. A primeira dedicar-se-ia a um estudo mais sistemático dos pronomes enquanto que a segunda voltar-se-ia a um estudo menos sistemático e mais contextual das formas pronominais (Fina, 1995). Entretanto, tal distinção não implica que os elementos pragmáticos sejam idiossincráticos e completamente imprevisíveis. De fato, as formas pronominais são detentoras de propriedades semântico-estruturais que, manipuladas, podem levar a significados implícitos (cf. Fina, 1995:380). O pronome “nós”, por exemplo, pode indicar empatia uma vez que envolve vários participantes no discurso inclusive o próprio falante. Já o pronome “ele”, ao mesmo tempo em que leva a uma auto-exclusão do falante no discurso, remete a um referente indefinido que só será identificado após uma análise do contexto em que se encontra inserido. Desta forma, a referência pronominal é um dos mecanismos pelos quais o falante não só pode se

* Este trabalho foi realizado no âmbito do Projeto Integrado “Fala e Escrita: Características e Usos III”, mais especificamente, no subprojeto “A emergência de identidades na atividade discursiva falada e escrita”, sob a orientação da Prof^a Dr^a Judith Chambliss Hoffnagel em 2001.1, na UFPE.

apresentar no discurso, mas também identificar a presença de outros participantes e as relações que mantém com estes.

Fina (1995:387) aponta para alguns fenômenos que devem ser levados em conta na análise dos pronomes em conexão com envolvimento e na expressão da identidade social, aspecto que aqui será enfatizado. São eles:

- a) Presença ou ausência de diferentes formas pronominais;
- b) Número de ocorrências de cada pronome;
- c) Consistência de referência de cada pronome;
- d) Ambientes textuais dos pronomes tais como predicados associados a ele e relações estabelecidas com outros pronomes ou frases substantivadas.

Neste estudo, o emprego dos pronomes será analisado, como já foi dito, como estratégia na representação dos atores políticos durante o período de campanha eleitoral. Como bem lembra Torres (2000:135), “a representação dos atores sociais consiste em uma das formas de observar a identidade social, ou seja, através da realização destas representações pode-se perceber a utilização de estratégias que atendem os propósitos do autor, seja de dar destaque ou de excluir os atores sociais de seu texto.” No âmbito de campanhas políticas, os atores candidatos costumam utilizar-se de tais estratégias visando unicamente, de forma persuasiva, à construção de uma imagem positiva diante do eleitorado. Em meio a esse processo, acredita-se que os pronomes aparecem como peças-chave, uma vez que o emprego de uma determinada forma pronominal numa dada situação pode fornecer indícios não só de como os atores políticos se auto-representam no discurso, mas também de como estabelecem relação com outros políticos.

2. Análise do Corpus

A análise a seguir será de um debate promovido por uma emissora de TV local entre os candidatos Roberto Magalhães/PFL (RM) e João Paulo/PT (JP) que disputaram o segundo turno das eleições no Recife. Durante aproximadamente duas horas, os dois candidatos discutiram entre si e apresentaram suas propostas de governo. Na tabela abaixo, foi feito um levantamento do emprego de alguns pronomes por ambos os candidatos durante o debate:

Distribuição dos pronomes nos discursos de RM e JP

PRONOMES	JP		RM	
	Quantidade	%	Quantidade	%
EU	50	22%	129	50%
NÓS	121	52%	49	19%
ELE	56	24%	75	29%
ELES	5	2%	5	2%
TOTAL	232		258	

Os dados estatísticos acima revelam, em linhas gerais, uma incidência maior de determinados pronomes no discurso dos dois candidatos (“nós” no de JP e “eu” no de RM). Através de uma investigação mais detalhada, pretender-se-á mostrar que tais formas pronominais estão diretamente relacionadas à forma pela qual os dois candidatos se auto e hetero-representam no discurso. Assim sendo, foram analisados alguns exemplos, a fim de que se possa comprovar a hipótese de que os pronomes podem aparecer como fortes indicadores na construção das identidades sociais dos atores políticos.

2.1. Auto-representação: “Eu” e “Nós”

(Ex. 1)

RM – (...) *eu* tenho serviços prestados deputado João Paulo... *eu* não tou aqui como candidato inexperiente que tá querendo fazer carreira não... *eu* tou cumprindo uma missão *eu* tou aqui para servir a minha cidade e pra servir a Pernambuco

Neste exemplo, é possível constatar que o discurso do candidato RM é articulado de forma a dar ênfase na auto-identificação como político experiente e com “serviços prestados” à população. Desta forma, estabelece-se uma relação de alteridade fortemente marcada pelo emprego do pronome “eu”, uma vez que a carga semântica de tal termo ao mesmo tempo em que reforça a identidade de RM, remete ao fato de que seu adversário político não possui tais atributos, em outros termos, tratar-se-ia de um candidato “inexperiente que tá querendo fazer carreira.”

(Ex. 2)

JP - é lógico que *eu* lembro que ele foi governador do estado... até porque *eu* me lembro que *eu* estava no movimento operário... e ele nos reprimia... a nossa luta democrática pra construir um sindicalismo novo moderno que defendeu os interesses dos trabalhadores

Neste trecho do debate, JP rebate a acusação feita anteriormente por seu adversário de que ele não estaria ciente das ações realizadas por este enquanto governador do estado. Percebe-se, então que, ao contrário do que acontece no discurso de RM, o pronome “eu” não é empregado para intensificar uma identidade política, mas sim para restaurar uma identidade de “operário” num dado momento histórico em que “ele”, diga-se RM, exercia o referido cargo político.

(Ex. 3)

JP – olha... é justamente o fato de ser uma gestão democrática onde *nós* queremos inclusive é difundir a cultura... chegar às áreas mais distantes da periferia da nossa cidade (...) e *nós* queremos aproveitar... incentivando essas atividades na população de baixa renda... mas também garantir os grandes eventos... (...) *nós* queremos reforçar e garantir a participação popular cada vez mais

No exemplo acima o candidato JP constrói seu discurso em defesa dos valores culturais. No entanto, deve-se ressaltar a ideologia implícita do seu partido (O PT é

conhecido por defender os interesses das classes sociais de baixa renda) sinalizada pelo uso do pronome “nós”. Nesse contexto, portanto, a identidade de JP é construída em concomitância com uma ideologia partidária.

(Ex. 4)

RM -o meu discurso no primeiro turno... foi o mesmo discurso do primeiro turno de noventa e seis... a presença de Jarbas foi muito assemelhada... talvez um pouco menor por causa dos seus afazeres como governador... agora o que ocorre é que *nós* temos uma aliança política que não foi fundada apenas para se conquistar a prefeitura do Recife... depois da prefeitura do Recife... conquistou-se o estado... e agora *nós* queremos manter esta aliança... e manter as nossas posições para continuar o trabalho de soerguimento econômico-social de Pernambuco... e Recife tem um papel importante

No exemplo acima, RM havia sido questionado, por um dos entrevistadores presentes no momento do debate, a respeito da importância da imagem política do governador do estado em sua campanha para chegar à prefeitura do Recife. Nesse contexto, percebe-se que o emprego do pronome “nós” remete não somente a uma aliança entre políticos, mas entre partidos aliados interligados por uma mesma ideologia política.

2.2. Hetero-representação: “Ele(s)”

(Ex. 5)

JP – olha... é muitas mentiras que *e/les* tão tentando vent/ ventilar uma série de boatarias que nós vamos privatizar mercados públicos... que nós vamos demitir agentes de saúde... (...) a própria mentira colocada na televisão onde nós teríamos votado contra os interesses dos trabalhadores do Ipsep... e é importante que se diga que quando o governo mandou o projeto pra cidade... era porque *eles* deixaram o Ipsep com uma dívida de cinco milhões de reais... e... noventa e três por cento das pessoas que ganhavam até dez salários mínimos... não ia pagar nada... e *eles* fizeram toda essa onda de mentira pra confundir a cabeça do eleitorado (...)

Neste exemplo, o referente político do pronome eles só é desvendado após uma análise contextual dos dados, a qual possibilitou verificar que tal referente pronominal remete não só a RM mas também a um grupo político específico (os políticos e partidos da situação). A construção da identidade dá-se, portanto, na oposição entre os pronomes “eles” e “nós”, em outros termos, o que “eles” fazem, “nós” não fazemos.

(Ex. 6)

RM - *eles* estão apresentando dados de filiarirose diárias que são () de filiarirose e apresentando como sendo do Recife e não é e não é *eles* apresentam sete por cento não é verdade a filiarirose no Recife não chega a dois por cento aí *eles* fazem *eles* pegam a amostragem de áreas que são () de filiarirose a apresentam como sendo de todo Recife *e/le* já falou aqui de desemprego que não é do Recife é da região metropolitana como se fosse do Recife e me responsabilizando pelo desemprego assim fica difícil fica muito difícil dialogar dessa forma

Já neste outro exemplo, os referentes políticos dos respectivos pronomes não são os mesmos. Enquanto a forma pronominal “eles” resulta num efeito de co-responsabilização de elementos de dentro e fora do discurso (JP e outros políticos do seu partido) pelas acusações “falsas”, o pronome “ele” retoma apenas o referente presente no discurso, neste caso, JP. Assim sendo, a identidade é construída através da desautorização do discurso adversário.

(Ex. 7)

JP – olha... essa pergunta é a mais fácil que tem de responder... que *e/le* não respondeu porque *e/le* não pode responder... e é por isso que *e/es* tão querendo travar a disputa aqui em Recife entre João Paulo.... trabalhador... peão... tá certo?... que vem do povão... e Roberto Magalhães... e a luta ou a disputa entre Arraes e Jarbas (...)

Nesta passagem, JP comenta a resposta de seu adversário acerca da imagem do governador Jarbas Vasconcelos na sua campanha rumo à prefeitura da capital. Observa-se que, do ponto de vista de JP, a oposição se dá notadamente no eixo “ele(s)” (RM e seus aliados políticos) X “eu” (não apenas o candidato JP, mas o trabalhador, o peão, o do povão). A identidade aqui é estabelecida através de uma analogia com burguesia (os que detêm o poder) e proletariado (classe de trabalhadores assalariados).

3. Considerações Finais

Confirmando a hipótese levantada no início deste trabalho, a análise realizada constatou que as formas pronominais empregadas implicam em diferenças na forma pela qual os dois candidatos se auto-representaram no discurso, o que possivelmente pode estar relacionado à posição política que ocupavam no momento: Situação e Oposição, respectivamente. RM, na condição de prefeito da cidade, preocupava-se em projetar sua identidade com base nas ações que realizou enquanto exerceu o cargo, daí a maior incidência do pronome “eu” no seu discurso. Já JP apresentava-se, a todo momento, como o candidato da mudança e, ao fazer uso da forma pronominal “nós”, procurava construir sua identidade concomitantemente a ideologia do seu partido. Quanto ao processo de hetero-representação, este se deu, em sua grande parte, pelo pronome ele(s) em oposição às formas pronominais empregadas para auto-identificação, bem como a predicados associados a elas. Enfim, conclui-se que as oposições e conexões entre os referentes e as formas pronominais presentes numa determinada cadeia enunciativa podem refletir diretamente na forma pela qual os atores políticos são representados no discurso eleitoral.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FINA, A. de. (1995). Pronominal choice, identity, and solidarity in political discourse. In: *Text*. pp. 379-410.
- TORRES, M.M. (2000). *A representação dos atores sociais*. In: *Ao pé da letra*. Recife, Editora Universitária – UFPE. vol. 2. pp. 135-139.

